



O Método Lapelinc: possibilidades para a transcrição paleográfica

The Lapelinc Method: possibilities for paleographic transcription

Liliana de Almeida Nascimento Ferraz*
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Graciete da Silva de Souza**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Jaqueline Cunha Ribeiro***
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Patrick Pereira Campos Brito****
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Jorge Viana Santos*****
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

* Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Email: liliana.ferraz@enova.educacao.ba.gov.br

** Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista CAPES (Código de Financiamento 001). Email: graciete@live.com

*** Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista CAPES (Código de Financiamento 001). Email: jaque.cunha.13@hotmail.com

**** Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista CAPES (Código de Financiamento 001). Email: patrick.sid2005@gmail.com

***** Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-UESB), campus de Vitória da Conquista. Email: viana.jorge.viana@uesb.edu.br

Resumo: Com o advento das novas tecnologias, tornou-se possível preservar a memória e/ou informações cruciais do passado histórico de um povo de forma científica. Dentre outros métodos possíveis de preservação e acesso a documentos históricos, destaca-se o método desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisa em Linguística de Corpus (LAPELINC). Por meio da fotografia cientificamente controlada, o Método Lapelinc visa à formação de corpora linguístico-eletrônicos, considerando-se, neste caso, a Fotografia como linguagem técnica. Conforme Santos e Namiuti (2019, p. 1383), o Método Lapelinc se caracteriza por ser um método de construção de corpora digitais anotados e cientificamente controlados, no qual se parte de um Documento Físico (DF) e constrói-se um Documento Digital Imagem (DDI), este último servirá de fonte original digital para os processos de constituição de corpora eletrônicos anotados, processos estes que terão como resultado o Documento Digital Texto (DDT). De acordo com os autores, esse método possui três etapas de fluxo de trabalho: a transposição, a transcrição e a compilação de corpora. Aqui, por recorte, mostra-se como se dá a segunda etapa do Método Lapelinc, isto é, a transcrição, salientando as diferentes contribuições que o paleógrafo pode ter ao desenvolver a transcrição paleográfica a partir de um suporte digital imagem, visto que existem dificuldades paleográficas como o tipo de escrita, letras deformadas e outras, que, de acordo com Contreras (1994), advêm de duas influências contrárias: da mão que escreve e do olho que lê. No âmbito deste recorte, procura-se responder às seguintes questões: quais novas possibilidades o Método Lapelinc dá à paleografia através do DDI, por ser este um documento digital fotográfico? Como o Método Lapelinc auxilia nas dificuldades encontradas pela paleografia para ler um documento manuscrito, mais especificamente o oitocentista? Para respondê-las, mobilizam-se os pressupostos de Namiuti e Santos (2017), Santos e Brito (2014), Namiuti-Temponi Santos, Costa e Farias (2013), Souza e Santos (2013).

Palavras-chave: Documentos Digitais. Fotografia. Método Lapelinc. Transcrição Paleográfica.

Abstract: With the advent of new technologies, it became possible to preserve the memory and/or crucial information from the historical past of a people in a scientific way. Among other possible methods of preserving and accessing historical documents, the method developed by the Corpus Linguistics Research Laboratory (LAPELINC) stands out. Through scientifically controlled photography, the Lapelinc Method aims at the formation of linguistic-electronic corpora, considering, in this case, Photography as a technical language. According to Santos and Namiuti (2019, p. 1383), the Lapelinc Method is characterized by being a method of building annotated and scientifically controlled digital corpora, in which a Physical Document (DF) is started and a Digital Image Document is constructed (DDI), the latter will serve as the original digital source for the annotated electronic corpora constitution processes, processes that will result in the Digital Text Document (DDT). According to the authors, this method has three workflow steps: transposition, transcription, and corpora compilation. Here, by clipping, it is shown how the second stage of the Lapelinc Method takes place, that is, the transcription, highlighting the different contributions that the paleographer can have when developing the paleographic transcription from a digital image support, since there are difficulties paleographic as the type of writing, deformed letters and others, which, according to Contreras (1994), come from two opposite influences: the hand that writes and the eye that reads. Within the scope of this clipping, we seek to answer the following questions: what new possibilities does the Lapelinc Method give to paleography through DDI, as this is a digital photographic document? How does the Lapelinc Method help in the difficulties encountered by paleography to read a handwritten document, more specifically the 19th century? To answer them, the assumptions of Namiuti and Santos (2017), Santos and Brito (2014), Namiuti-Temponi Santos, Costa and Farias (2013), Souza and Santos (2013).

Keywords: Digital Documents. Photography. Lapelinc Method. Palaeographic Transcript.

1 INTRODUÇÃO

Documentos manuscritos históricos, sobretudo os mais antigos, devido, principalmente, à ação do tempo, tendem a deteriorar-se. Com o advento das novas tecnologias, tornou-se possível preservar a memória e/ou as informações cruciais do passado histórico de um povo. Dentre outros métodos possíveis de preservação e acesso a documentos históricos, destacamos o método desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisa em Linguística de *Corpus* (LAPELINC), da (Universidade Estadual do Sudoeste

da Bahia (UESB). Por meio da fotografia cientificamente controlada, o Método Lapelinc visa à formação de *corpora* linguísticos eletrônicos, considerando, neste caso, aspectos técnicos da linguagem fotográfica.

No Método Lapelinc parte-se de um Documento Físico (DF) e constrói-se um Documento Digital Imagem (DDI), o qual servirá de fonte original no meio digital para os processos de constituição de *corpora* eletrônicos anotados, processos estes que terão como resultado o Documento Digital Texto (DDT). Segundo Santos e Namiuti (2019, p. 1383), esse método possui, em seu fluxo de trabalho, três grandes etapas: a transposição, a transcrição e a compilação de *corpora*. Na primeira etapa, ocorre a transposição material do Documento Físico (DF) para o Documento Digital Imagem (DDI), através da fotografia cientificamente controlada. Na segunda etapa, é feita a transcrição paleográfica dos documentos digitais imagens (DDI), o que gera um documento texto, e este, por sua vez, serve de entrada para a compilação do DDT, que se constitui como última etapa do método, na qual os textos transcritos passam pelo processo de edição, anotação linguística e gerenciamento de informações. A partir dessa configuração, nosso objetivo¹ é mostrar como se dá a segunda etapa do *Método Lapelinc*, isto é, a transcrição paleográfica, a partir de um documento digital imagem. Para tanto, utilizaremos como exemplos documentos que compõem o *corpus* Documentos Oitocentistas de Vitória da Conquista – *corpus* DOViC (SANTOS; NAMIUTI, 2014), que foi concebido para ser um *corpus* digital anotado de documentos da região sudoeste da Bahia (Brasil).

Posto isso, a organização do texto se dá da seguinte forma: além desta introdução, na seção 2 realizamos uma breve apresentação sobre o *Método Lapelinc*. Na seção 3, apresentamos a relação entre a fotografia digital enquanto linguagem técnica e a Paleografia no *Método Lapelinc*. Na seção 4, apresentamos uma análise paleográfica composta de transcrição e descrição de aspectos relacionados à morfologia das letras em um documento oitocentista, na qual utilizou-se das vantagens do *Método Lapelinc*. E na seção 5, tecemos as considerações finais.

2 O MÉTODO LAPELINC: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os documentos históricos são considerados fontes relevantes para estudos em diversas áreas, inclusive no que diz respeito às pesquisas voltadas a investigar fenômenos linguísticos em diferentes períodos, sociedades e línguas. Nessa perspectiva, conforme Santos e Brito (2014, p. 421), essas investigações “[...] podem ajudar pesquisadores na busca da compreensão, descrição e explicação de fenômenos concernentes a uma língua, tanto em seus aspectos históricos e filológicos quanto no que se refere à própria gramática”.

Entretanto, o trabalho com fontes documentais históricas no Brasil encontra certas dificuldades, entre as quais: o acesso, a disponibilização e o estado de preservação. À vista disso, vem sendo desenvolvido e utilizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, no âmbito do Laboratório de Pesquisa em Linguística de *Corpus* – LAPELINC, o *Método Lapelinc*, um método de construção de *corpora* digitais anotados e

¹ Este trabalho vincula-se ao projeto de pesquisa temático *Sentidos de Escravidão, Trabalho e Liberdade* e aos projetos FAPESB (APP 007/2016 e APP 014/2016).

cientificamente controlado no qual se faz a transposição de fontes documentais primárias manuscritas para o suporte digital, possibilitando o acesso de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento², além de preservar o patrimônio histórico-linguístico do sudoeste baiano. Conforme Namiuti e Santos (2016), o *Método Lapelinc* compreende três etapas para a construção de *corpora* eletrônicos anotados, cientificamente controlados, quais sejam: (i) transposição; (ii) transcrição paleográfica; e (iii) compilação de *corpora*.

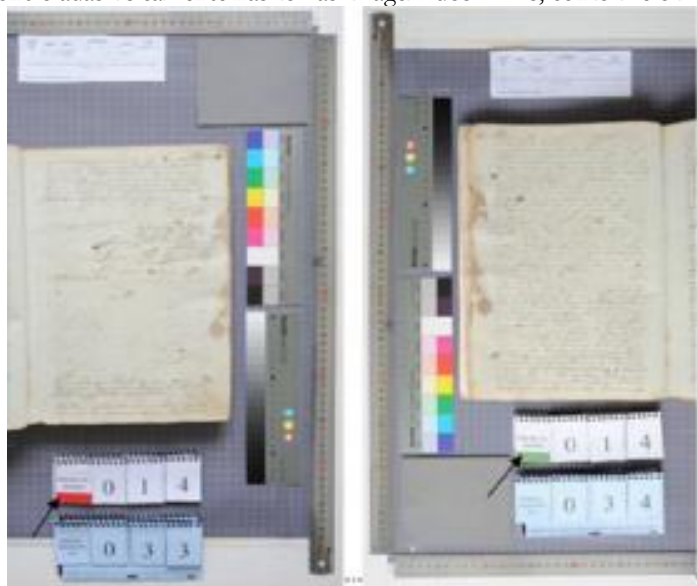
No processo de transposição dos manuscritos originais para o formato digital, faz-se uso da fotografia cientificamente controlada, enquanto linguagem e enquanto técnica. Assim, consoante Santos e Brito (2014, p. 423), objetiva-se “[...] transformar a Fotografia não num simples meio de reprodução de um documento, uma fotografia pragmática, que serve apenas a uma pesquisa e não tem compromisso de futuro, mas sim praticá-la com método científico de reprodução digital.”

Essa etapa do método é constituída de cinco subetapas principais: (1) catalogação (controle); (2) captura fotográfica da imagem do original; (3) edição fotográfica; (4) criação de imagens de uso co-indexadas à imagem original; (5) análise descritiva/topográfica. A etapa de catalogação envolve a captura de informações das fontes que se divide em duas ações: primeiro, a elaboração do catálogo visual no qual se tem a descrição das características físicas do documento além da apresentação das cinco imagens chave: capa frontal, termo de abertura, termo de encerramento, capa final; e, em segundo lugar, é elaborado o Dossiê de observações pertinentes (DOP) no qual é realizada a pré-análise de cada folha dos documentos constantes em um livro, anotando-se as observações de ordens fotográficas, filológicas, de edição, dentre outras. Na captura fotográfica da imagem do original é feita a fotografia sequenciada dos documentos utilizando equipamentos adequados, inserindo na imagem a quantidade necessária de dados que garanta a sua relação com o objeto que a originou. (NAMIUTI-TEMPONI; SANTOS, p. 72, 2021).

Para a captura fotográfica, utiliza-se a Mesa Cartesiana, instrumento desenvolvido com o objetivo de garantir a inserção dos dados essenciais do DF na imagem a ser capturada de forma a viabilizar, de modo controlado e cientificamente padronizado, a fotografia técnica de documentos, conforme ilustrado na figura 1:

² Destacamos, seguindo Ferraz (2014), o projeto *Memória Conquistense: recuperação de documentos oitocentistas na implementação de um corpus digital*, desenvolvido por Santos e Namiuti (2009), o qual visa a construção de um *corpus* digital que parte de documentos manuscritos dos séculos XVIII e XIX.

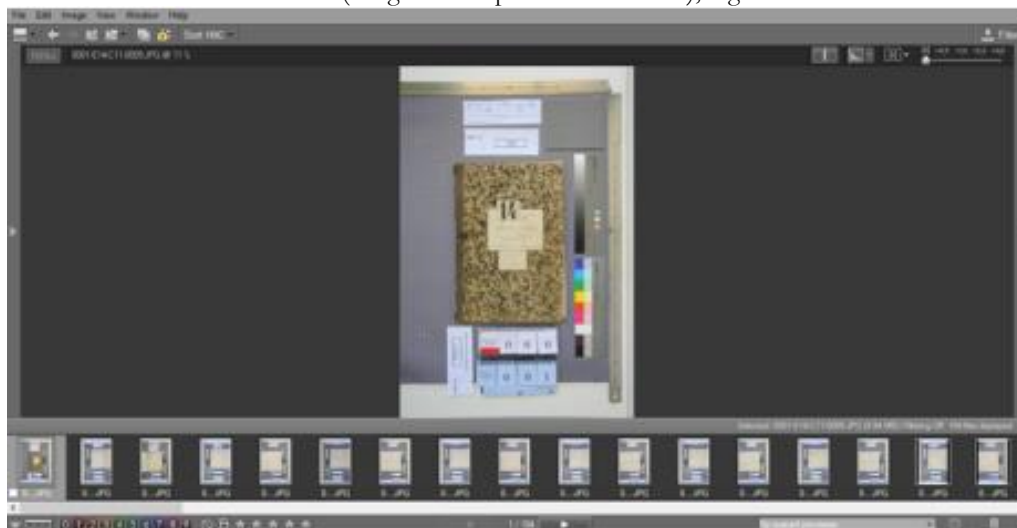
Figura 1 – Visualização do livro de escritura E14 ordenado não editado com metainformações cientificamente controladas fisicamente nas folhas-imagem dos DDIs, conforme o método LAPELINC



Fonte: Santos e Namiuti (2017, p. 1682).

A Mesa Cartesiana possibilita, junto com o registro do documento, o registro visual cientificamente controlado de suas características físicas, tais como: tom, cor, tamanho, acervo/arquivo do original físico, tipologia, paginação, sequenciação, observações fotográficas e observações filológicas, informações estas que permitirão a posterior ordenação das folhas-imagens criando a possibilidade de visão do livro completo, ordenado e com meta-informações, como se pode ver na figura 2:

Figura 2 – Visualização do livro de escritura E14 ordenado editado com metainformações cientificamente controladas em banco de dados (integrado ao aplicativo WebSinC), seguindo o método LAPELINC



Fonte: Santos e Namiuti (2017, p. 1672)

Após a captura, as imagens são editadas, em termos de *crop*, corte para deixar visível apenas o documento, sem as informações visuais complementares integrantes da Mesa Cartesiana, ficando pronto, assim, o DDI original, do qual podem ser geradas outras imagens/arquivos. A partir do DDI original, são criados, de acordo com a demanda dos pesquisadores outros DDIs, co-indexados à imagem original. Após esse processo, é feita a localização topográfica e identificação dos documentos internos do livro já fotografado, a partir dos cabeçalhos, seguida da descrição linguístico-jurídica de documentos originais (NAMIUTI-TEMPONI; SANTOS, p. 76-77, 2021).

Desse modo, conforme Namiuti-Temponi e Santos (2021, p. 71) a transposição enquanto passagem de um documento físico para um documento digital possibilita uma nova forma de acesso aos documentos, a visual fotográfica, que dentre algumas vantagens permite o acesso a novos formatos do documento, como por exemplo, os arquivos em formato Raw e JPEG, e a visualização eletrônica do documento a partir de ferramentas como: ampliação, recorte, contraste, brilho, cor, tons, bem como uso de máscaras, filtros, layers (camadas), dentre outras, às quais detalháramos na seção 3.

Assim, após a etapa de transposição, passa-se à etapa de transcrição paleográfica, por meio da qual o Documento Digital Imagem – DDI é transformado em Documento Digital Texto – DDT. No *Método Lapelinc*, as fontes documentais após passarem pelas etapas de transposição e transcrição ganham o formato digital de texto simples (TXT), requisito necessário para se iniciar a terceira etapa do método: o processo de compilação de corpora. Esta etapa envolve algumas ferramentas computacionais tais como o eDictor–editor de marcação extensível XML (Extensible Markup Language) e o WebSinC25 – aplicativo web para o trabalho de registro, armazenamento, disponibilização, visão e busca de dados em corpora cientificamente controlados (NAMIUTI-TEMPONI; SANTOS, p. 76-77, 2021).

O *Método Lapelinc*, diante do exposto, configura-se como um método que garante à pesquisa uma significativa contribuição, pois:

[...] estabelece pontes entre as antigas fontes e o novo, o suporte digital, na medida em que se utiliza das vantagens da tecnologia, da computação e da linguística, como pressupõem as Humanidades Digitais, e apresenta um fluxo de trabalho (workflow) que compreende três etapas integradas para a construção de corpora eletrônicos anotados, cientificamente controlados: (i) transposição; (ii) transcrição (iii) compilação de corpora (NAMIUTI-TEMPONI; SANTOS, p. 85, 2021).

Nessa perspectiva, tal como propõem as Humanidades Digitais, utiliza-se “[...] tecnologias para desenvolver ferramentas e instrumentos que auxiliem na coleta de material, levantamento, organização, armazenamento e divulgação de dados, além de se promover o acesso para distribuição do material coletado a pesquisadores interessados” (NAMIUTI; SANTOS, 2017, p. 2).

3 A FOTOGRAFIA DIGITAL E A SUA RELAÇÃO COM A PALEOGRAFIA NO MÉTODO LAPELINC

Para Contreras (1994, p. 19), a Paleografia deve ser entendida “[...] como um meio de leitura de escritas em desuso [...]” e “[...] como um meio para a crítica histórica em geral [...]” ou ainda, “[...] mais concretamente para a crítica textual e como uma ciência autônoma que tem por objeto o estudo da escrita como uma das criatividades do homem, estudo esse sustentado em um método próprio de investigação” (CONTRERAS, 1994, p. 19). Desse modo, há, conforme o autor, uma Paleografia de leitura que visa à decifração de textos antigos; a Paleografia crítico-analítica que busca estabelecer o “quando”, o “onde” e o “como” a respeito dos textos escritos; e a Paleografia que se identifica com a história da escrita. No *Método Lapelinc*, utiliza-se, principalmente a Paleografia de leitura na decifração e transcrição do documento, conforme mostraremos a seguir.

De acordo com Toledo Neto (2018, p. 295), a decifração é o ponto de partida para se saber o que está escrito, isto é, para chegar-se à leitura correta do manuscrito que está sob o olhar do pesquisador, se constituindo como uma etapa fundamental para proceder-se à transcrição. Conforme Contreras (1994, p.35), essa perspectiva da Paleografia concretiza-se por um método que tem como fim auxiliar na interpretação das letras e demais sinais da escrita, a partir de sua correta decifração. E, nessa perspectiva, é preciso que se destaque aqui a utilização de recursos tecnológicos nos estudos da Paleografia. Ackel (2020, p. 238-239) menciona algumas propostas em que se tem a união entre os campos da Paleografia e as Humanidades digitais denominada de Paleografia digital. Tais propostas buscam, entre outras coisas, promover o uso de ferramentas digitais do presente para o entendimento correto de um texto escrito em qualquer superfície. É o que ocorre, por exemplo, no *Método Lapelinc*, no qual se tem a junção entre a Paleografia e a Fotografia.

Nele, a Paleografia e a Fotografia relacionam-se mutuamente. Souza e Santos (2013, p. 1) ressaltam que a relação entre essas duas áreas ocorre em dois momentos: primeiro para a seleção dos documentos no arquivo e depois para a transcrição dos documentos.

Assim, num primeiro momento, usa-se a Paleografia para a leitura e seleção dos documentos no arquivo, leitura que deve ser realizada com o objetivo de se selecionarem as informações histórico-documentais que formarão o catálogo dos documentos; e, posteriormente, a etiqueta do cabeçalho do documento na Fotografia. Segundo os autores, nesta etapa, a Paleografia auxilia a Fotografia, pois é preciso ler os documentos para extrair as informações que comporão o catálogo visual e o Dossiê de observações pertinentes.

Assim, após a transposição e a geração do DDI, conforme explicitamos na seção 2, chega-se ao segundo momento em que a Paleografia e a Fotografia se relacionam, pois, nessa etapa, utiliza-se a Paleografia para fazer a leitura e posterior transcrição do documento não mais como um documento físico, mas como um DDI, fidedigno ao original. Neste ponto, Souza e Santos (2013, p. 6) salientam que a necessidade se inverte, pois é a Paleografia que precisa da Fotografia, tornando possível, por exemplo, ampliar

uma letra ou melhorar a legibilidade/contraste da cor da tinta empregada na escrita do texto documental, recursos possíveis somente com documentos em versão digital. Nesse sentido, vale destacar a necessidade de que as imagens fotográficas documentais sejam cientificamente controladas, técnica e metodologicamente, para que apresentem fidedignidade ao documento original e ofereçam adequadas condições de compreensão de seu conteúdo por meio das normas paleográficas, visto que, dessa forma, pode-se estabelecer a relação entre a Fotografia e a Paleografia.

Conforme Namiuti e Santos (2017), a transcrição no Método segue a recomendação de Paixão de Sousa (2006). Nessa perspectiva, na produção de textos em meio eletrônico, com a finalidade específica de construção de *corpora* linguísticos, deve-se fazer uso de um processamento controlado que permita a codificação de uma grande variedade de informações, de modo confiável e transportável. Com base nessa recomendação, no processamento eletrônico de textos, as estruturas precisam ser anotadas em alguma linguagem de anotação³ e, depois, traduzidas ou lidas por uma programação que gera a apresentação final do texto.

Nessa etapa, utiliza-se a Paleografia de leitura para a decifração do documento em um editor de texto. Em seguida, faz-se a transcrição conservadora do documento, seguindo-se os seguintes critérios: a) as abreviaturas não são desenvolvidas; b) respeita-se a grafia do documento, mesmo que o mesmo manifeste idiosincrasias ortográficas; c) não são estabelecidas fronteiras de palavras que venham escritas juntas; d) a pontuação original é mantida; e) a acentuação original é mantida; f) respeita-se o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original; g) Letra ou palavra(s) não legíveis por deterioração ou rasura são indicadas entre colchetes conforme o caso: [.] para letras, [ilegível] para vocábulos e [ilegível. + n linhas] para a extensão de trechos maiores; h) Letra ou palavra(s) não decifradas, sem deterioração do suporte, são indicadas entre colchetes conforme o caso: [?] para letras, [inint.] para vocábulos e [inint. + n linhas] para a extensão de trechos maiores.

Além disso, ao transcrever, organizam-se as linhas do documento transcrito em conformidade com as linhas do documento original; e, posteriormente, desenvolve-se a correção da transcrição realizada, comparando-a com a imagem do documento original para que possa ser tratado computacionalmente, resultando na compilação de *corpora* – terceira etapa do método. Dessa forma, em síntese, o DDI gera o DDT transcrito, editado e anotado com a utilização da ferramenta *Edictor*. Essa ferramenta, conforme Ferraz (2014), trata-se de um editor de textos especialmente voltado para o trabalho filológico e para a análise linguística automática. Nesse sentido, “[...] a ferramenta combina um editor de XML e um etiquetador morfossintático, e permite a geração automática de versões correspondentes a edições diplomáticas, semi-diplomáticas e modernizadas (em html), e de versões com anotação morfossintática (em texto simples e xml)” (FERRAZ, 2014, p. 59).

Vale ressaltar ainda que, na passagem de um DF para um DDI, possibilita-se uma nova forma de acesso aos documentos: a fotográfica eletrônica (BRITO, 2015, p. 56).

³ No método *Lapelinc* a anotação morfossintática é feita em formato XML.

Essa nova forma amplia as possibilidades de lidar com os documentos no que tange a sua leitura e decifração, já que eles podem ser observados através da Fotografia digital, trazendo uma importante contribuição para o processo de transcrição paleográfica, já que, através dela, é possível visualizar o documento, por meio de ferramentas como o *Software AdobePhotoshop*, por exemplo, que permitem operacionalizar recursos configurativos tais como: brilho/contraste, camadas, ampliação, recorte, cor, tons, bem como uso de máscaras, dentre outras que podem contribuir para uma decisão de leitura e transcrição paleográfica. Aqui, por questões metodológicas abordaremos quatro desses recursos que serão usados na análise, à saber: brilho/contraste, ampliação e recorte.

Quanto ao recurso configurativo de brilho/contraste, trata-se de uma função do *software* que, ao ajustar a intensidade das cores e da opacidade de uma imagem, permite uma melhor visualização do documento, tendo em vista algumas dificuldades que, por ventura, o paleógrafo possa encontrar no momento da leitura do mesmo.

Em relação à ampliação, refere-se a uma interferência no modo de observar o documento, propiciando uma visualização ampliada do mesmo, inteiro ou em partes, de modo que não prejudique a qualidade da imagem.

Por fim, o recorte é o processo de remover partes de uma imagem para criar foco ou intensificar a composição. Ele pode ser feito de vários modos, do mais simples ao mais complexo, e para fins de leitura paleográfica, ele é feito quando se quer identificar letras, palavras, ou montar, por exemplo, o alfabeto do escriba que produziu o documento.

Em resumo, a utilização dos benefícios de ferramentas como o *Software AdobePhotoshop* na leitura, decifração e transcrição do documento só é possível porque se utiliza, no *Método Lapelinc*, a Fotografia enquanto linguagem e técnica, ou seja, uma fotografia científica que resulta em um DDI que permite uma visualização qualitativamente segura do documento. A respeito da utilização de ferramentas digitais, assim se manifesta Ackel e Módolo (2020, p. 238):

Os resultados obtidos com a aplicação de variados métodos e com a utilização de ferramentas específicas mostram-se promissores com relação à facilitação de leitura paleográfica, à compreensão do processo de construção da escrita e às práticas de reconstrução de diversos tipos de escrita. Isso se dá, especialmente, pelo fato de plataformas digitais aumentarem as possibilidades de interpretação e correlação de dados, diferentemente de fac-símiles impressos que limitam algumas buscas de informação (ACKEL; MÓDOLO, 2020, p. 238).

A seguir, apresentamos alguns resultados no que tange à transcrição e descrição de aspectos paleográficos relacionados à morfologia das letras em documentos oitocentistas, na qual utilizou-se de aplicações do *Método Lapelinc* elencadas acima.

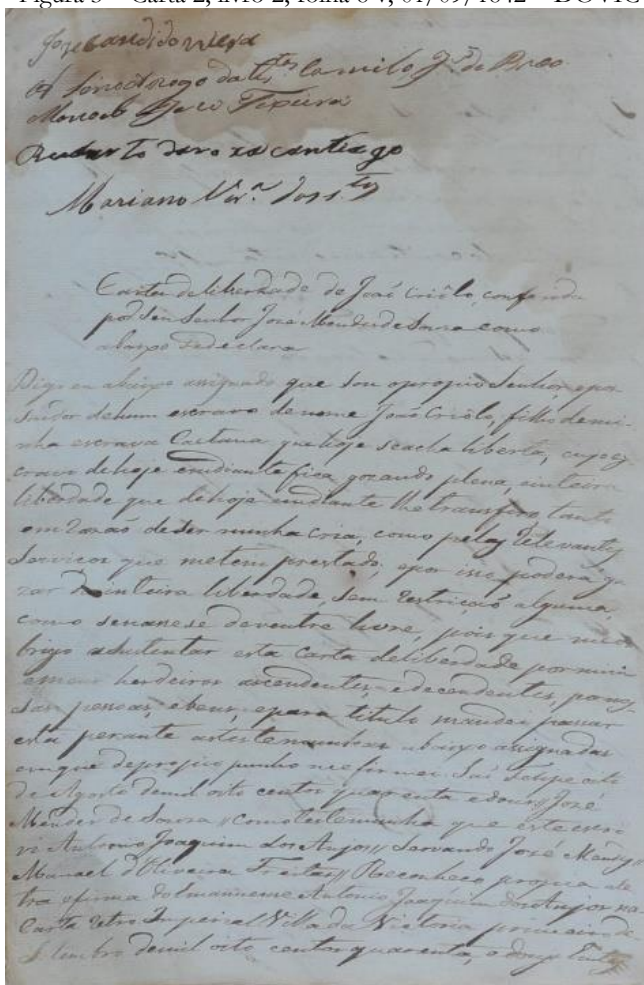
4 APLICAÇÃO DA ETAPA 2 DO MÉTODO LAPELINC: RESULTADOS

Conforme destacado na seção anterior, a partir da fotografia cientificamente controlada, o pesquisador dispõe de funcionalidades e elementos que facilitam a transcrição de documentos. Para exemplificar este trabalho, utiliza-se aqui o *corpus* de

Documentos Oitocentistas de Vitória da Conquista (DOVIC)⁴, um *corpus* digital que parte de documentos notariais manuscritos dos séculos XIX, constituído por cartas de alforria e testamentos. Este *corpus* é construído pelo *Método Lapelinc* e conta com documentos históricos manuscritos, guardados em acervos públicos e privados, principalmente, em Vitória da Conquista (Bahia). Os documentos do acervo, segundo Namiuti, Santos e Leite (2011), têm uma complexidade de “a) acesso; b) forma; e c) fragilidade e/ou raridade dos documentos” (NAMIUTI, SANTOS, LEITE, 2011, p. 8) por serem manuscritos antigos e por sofrerem com o processo de deterioração do tempo.

Na figura 1, apresentamos uma Carta de liberdade do escravo João Criôlo, que está no livro de notas 2 do corpus DOVIC:

Figura 3 – Carta 2, livro 2, folha 8 v, 01/09/1842 – DOVIC



Fonte: DOVIC.

⁴ O *corpus* DOVIC (NAMIUTI; SANTOS, 2017) possui textos de naturezas diversas. Na sua versão *beta*, encontra-se transcritos e editados em formato digital: cartas de alforria e testamentos contidos nos livros de notas da série de 1 a 21 do 1º Tabelionato de Notas de Vitória da Conquista (Bahia).

Nossa proposta de transcrição⁵ da Carta 2, figura 3, é a seguinte:

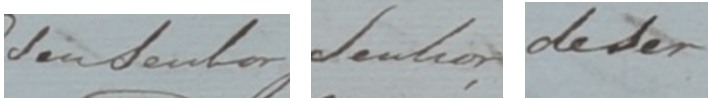
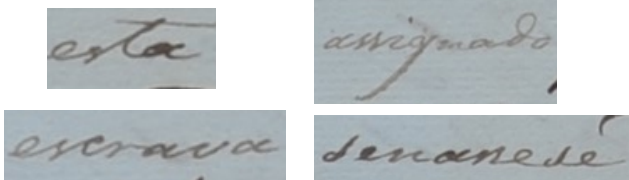
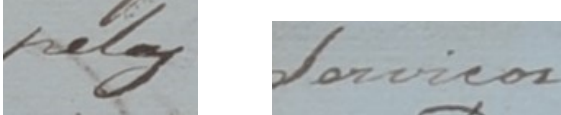
1. Carta deliberdade de Joaõ Criõlo, conferida
2. por seu senhor Jozé m[o]ndesde Souza como
3. abaixo sedeclara
4. Digo eu abaixo assignado que seu proprio Senhor e pos-
5. suidor dehum escravo de nome Joaõ Criõlo, filho demi-
6. nha escrava Caetana quehoje seacha liberta, cujo es-
7. cravo de hoje emdiante fica gozando plena, eim teira
8. liberdade que hoje em diante lhe transfiro tanto
9. em Razaõ deser minha cria, como pelas Relevantes
10. Serviços que metem prestado; epor isso podera ´ go
11. zar da in teira liberdade, sem restricãõ alguma
12. como senassese deventre livre, pois que meos
13. brigo asusten tar esta Carta deliberdade pormim
14. emeus herdeiros ascendentes edecedentes, pormos-
15. sas pessoas,ebens, epara titulo mandar passar
16. esta perante astes temunhas abaixo assignadas
17. emque de proprio punho me firmo. Saõ Felipe oito
18. deAgosto demil oito centos quarenta edous. // Jozé
19. Mendes deSouza // Como Testemunha que este eses escre
20. vi Antonio Joaquim dos Anjos // dervando Jozé Mendes //
21. Manoel d'Oliveira Freitas// Reconheço propria ale
22. tra e firma do [] Antonio Joaquim dosAnjos na-
23. Carta Retro. Imperial Villa da Victoria primeiro de
24. Setembro demil oito centos quarenta, e dous []

As práticas paleográficas de leitura propostas e aplicadas nesse trabalho requerem inicialmente conhecimento sobre as características do tipo de escrita com que se vai trabalhar, ou seja, é preciso “[...] adaptar um saber que já possui a um sistema de signos que não lhe é habitual.” (CONTRERAS, 1994, p. 35). Nesse caso, o transcritor precisa compreender o alfabeto, o tipo de escrita, o tipo de letra, para decifrar e transcrever o documento. No exemplo da figura 3, reconhece-se imediatamente a letra humanística – como em todos os documentos que compõem o corpus *Dovic* - caracterizada por uma escrita processada cursiva; presença de maiúsculas e minúsculas, traçado horizontal e é classificada como destrógrada, isto é, orientada da esquerda para a direita. Nessa etapa, o acesso ao DDI é imprescindível para a transcrição, visto que ela dá ao paleógrafo uma melhor visualização do documento facilitando sua leitura. As variações na escrita de determinadas letras, palavras unidas entre si e semelhanças e diferenças na grafia de letras podem confundir o transcritor. Para se evitar a confusão, o pesquisador pode ampliar, recortar e utilizar outras ferramentas de visualização eletrônica do documento, conforme apresentaremos a seguir:

No quadro 1, utilizou-se a ferramenta de recorte para identificar as diferentes grafias da letra S em início, meio e final de palavra.

⁵ As regras de transcrição utilizadas foram aquelas já elencadas na seção 3.

Quadro 1 – Palavras do manuscrito *Carta 2* na quais se destaca a escrita da letra S

A escrita da letra S	
Início de palavra	
Meio de palavra	
Final de palavra	

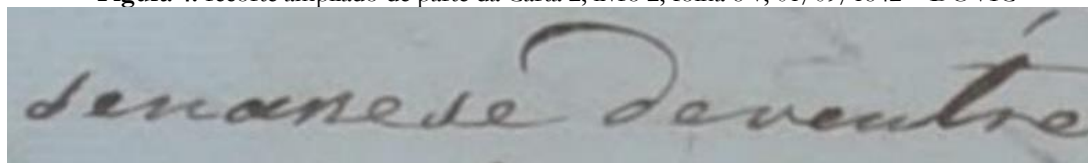
Fonte: produzido pelos autores.

Ao observar o quadro 1, a letra *s*, em início de palavra, é grafada em quatro modos diferentes, tanto em minúsculo, em *seu*, *senhor* e *ser*, quanto em maiúsculo, *Senhor*, isso porque a letra em destaque sofre em algumas palavras uma leve inclinação à direita, ou seja, o ângulo da letra fica mais próxima da linha de escrita. Além disso, percebe-se que o *s* minúsculo tem alturas diferentes, assemelhando com o módulo do *s* maiúsculo. Já no meio da palavra, a escrita do *s* nas palavras *esta*, *assignado*, *escrava* e *nassese*, segue o mesmo traço para o módulo, o ângulo e o ducto; este último elemento faz com que a execução da letra *s* siga um modelo ao ser escrito. Por fim, em finais de palavras, o *s* pode ser grafado como um *s* longo ou parecido quando se escreve em meio de palavras como em *servicos*. Assim, o *s* de *pelas*, demonstra que o módulo e o ductos são modificados, alternando para uma nova grafia de uma mesma letra em posição final.

Assim, observa-se que, ao fazer o recorte, foi possível fazer a decifração e perceber diferentes formas de escrita da letra *s* a partir da visualização da individualidade de cada letra de maneira mais nítida.

Uma outra dificuldade encontrada na leitura paleográfica é decifrar os nexos entre as letras, ou seja, perceber quando o mesmo traço foi aproveitado por duas letras, ou mesmo a união de palavras. Nesse caso, uma estratégia utilizada pelo paleógrafo é a ampliação. Destaca-se a utilização desse recurso na figura 4, transcrita como *senassese deventre livre*, respectivamente na linha 12 do manuscrito:

Figura 4: recorte ampliado de parte da Carta 2, livro 2, folha 8 v, 01/09/1842 – DOVIC



Fonte: DOVIC.

Observe-se na figura 4 a união das palavras *se* e *nassese* e *de ventre* que representam uma dificuldade ao transcritor. A ampliação facilita o reconhecimento dos grafemas e a percepção de que se trata de palavras que foram unidas no processo de escrita.

Outro obstáculo à leitura no manuscrito analisado são os grafismos pessoais, pois a partir de uma matriz comum do alfabeto de determinada época, é comum que cada escriba imprima suas próprias particularidades na sua escrita, e isso ocorreu no documento analisado. Destaca-se aqui a escrita das letras u/v/n em que se nota que o escritor do documento utiliza um mesmo ducto para três letras diferentes do alfabeto em várias palavras comprometendo, com isso, a compreensão do texto. Para facilitá-la, utilizou-se as ferramentas de brilho e contraste, disponíveis no *Software AdobePhotoshop*. O efeito obtido com esta ferramenta facilita a leitura, como se pode observar na figura 5:

Figura 5 – Brilho ajustado para +12 e Contraste ajustado para +100 aplicados na Carta 2, livro 2, folha 8 v, 01/09/1842 – DOVIC

João Casado de Rêgo
 do fidejussão de João Casado de Rêgo
 Manoel de Rêgo
 Antônio de Rêgo
 Mariano de Rêgo





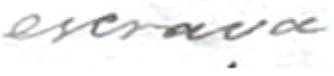


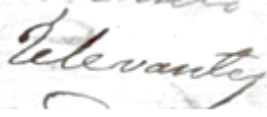
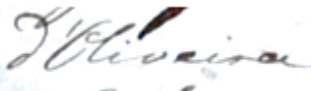

Carta de liberdade de João Críolo, confissão
 por seu senhor João Mendes de Sousa como
 alago de declara.

Digo em abisjo assignado que sou o proprio senhor e qua
 sendo deham escravo de nome João Críolo, filho de mi
 nha escrava Caetana que hoje se acha liberta, cujo
 cravo de hoje em diante fica gozando plena e inteira
 liberdade que de hoje em diante lhe transfere tanto
 em razão de ser minha cria, como pelas relevantes
 serviços que me tem prestado, por isso podera go
 zar de inteira liberdade, sem restricção alguma,
 como se nasce de ventre livre, pois que não
 brigo aduentar esta carta de liberdade por mim
 e meus herdeiros ascendentes, e descendentes, por
 das pessoas, e bens, e para título mandei passar
 esta perante estes testamunhas abisjo assignadas
 em que de proprio punho me firmou. São Felipe oito
 de Agosto de mil oitocentos quarenta e duas, José
 Mendes de Sousa // Com o testemunha que este escri
 vi Antonio Joaquim dos Anjos // Salvador José Mascia //
 Manoel Oliveira Freitas // Beinhoco propria ale
 tra e firma do manuseio Antonio Joaquim dos Anjos na
 Carta Reto Imperial Villa da Victoria provincia de
 S. Paulo de mil oitocentos quarenta e duas.

Fonte: DOVIC.

No quadro 2, apresenta-se a grafia das letras *u*, *v* e *n* para demonstrar os grafismos pessoais do escriba:

Quadro 2 – Palavras do manuscrito *Carta 2* na quais se destaca a escrita das letras U, V e N

	A escrita da letra U e N	A escrita da letra V e N
Início de palavra		
Meio de palavra	  	    
Final de palavra		

Fonte: Produzido pelos autores

Primeiramente, observa-se as palavras *punho*, *hum*, em que a letra *u* em meio de palavra foram escritas de maneira rápida pelo escrevente do documento, formando um ligamento entres as letras *u* e *n – m*. Em *escravo*, a letra *v* é escrita com ducto mais fechado e levemente angulado, revelando uma grafia diferente do *v*. Tal grafia leva o paleógrafo a ler e transcrever a letra como *u*. O mesmo ocorre nas palavras *ventre* e *assustentar* em que o *n* apresenta a mesma grafia de *u* no meio e final de palavra, como se vê na palavra *sen*. Com relação à escrita da letra *v* em meio de palavras, observa-se que ela segue o mesmo módulo, ângulo e ductos. Por isso, o *v* das palavras *Relevantes*, *d'Oliveira*, *livre* e *escrava* apresentam o mesmos desenho ou mesmo modelo, diferenciando-se, somente, pela precisão da tinta no papel, que às vezes está mais forte ou fraca. A diferença do módulo e dos ductos em ‘v’ é perceptível entre o início e o meio de palavra

Assim, nota-se que, com a aplicação de apenas dois filtros (brilho e contraste) foi possível realçar vários trechos do documento que estavam com a leitura prejudicada pelos grafismos pessoais do escriba, melhorando consideravelmente a segurança da transcrição de palavras que continham, por exemplo, as letras *u*, *v* e *n*.

A partir do que foi exposto, nota-se que, dentre muitas outras vantagens, a observação e aprendizagem das formas típicas de cada letra, ou seja, sua figura e seu desenho, são facilitadas quando se desenvolve a transcrição paleográfica a partir de DDIs, isso porque, nesses casos, o pesquisador beneficia-se das singularidades do suporte digital fotográfico que possibilita a utilização de ferramentas que auxiliam para uma decisão de leitura e de transcrição paleográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos que têm sido desenvolvidos no âmbito do Lapelinc apontam para a hipótese de que, ao realizar a transcrição paleográfica, a partir do suporte digital imagem produzido seguindo os parâmetros do método, o paleógrafo se beneficia de diferentes vantagens que não são possíveis quando se lida com o documento físico original. Assim, os DDIs gerados a partir do *Método Lapelinc* permitem a visualização eletrônica mediadas por ferramentas de leitura, edição e processamento de imagens que possibilitam mudanças em parâmetros de contraste, brilho, cor, ampliação, recortes, os quais auxiliam o transcritor quando ele se depara com obstáculos à leitura, tais como: tipos de escrita, letras deformadas ou grafismos pessoais.

Além disso, a partir das análises apresentadas, observa-se que alguns modos de manipulação da imagem, utilizados para a decifração e percepção de diferentes formas de escrita de letras, tais como *s*, *u*, *v* e *n* apresentadas na análise, só são possíveis porque, através da fotografia cientificamente controlada, pode-se selecionar a letra específica, aumentando-a, contrastando-a e comparando-a com letras semelhantes, enfim pode-se enfrentar as complexidades que a leitura paleográfica impõe, permitindo ao transcritor entender questões que versam sobre “[...] a grafia das palavras, a caligrafia, a pautação, os parágrafos, a pontuação, [...]” (BERWANGER; LEAL, 2008, p. 89), entre outros obstáculos que se impõe ao transcrever um manuscrito.

Em suma, O *Método Lapelinc* configura-se como um método que visa à construção de *corpora* linguísticos, a partir do processo de transposição através da fotografia cientificamente controlada. Assim, possibilita-se o acesso, a disponibilização e contribui para a preservação de documentos históricos, de modo que pesquisadores de diversas áreas do conhecimento possam se beneficiar dos *corpora* produzidos segundo o método.

REFERÊNCIAS

ACKEL, A.; MÓDOLO, M. Leitura e escrita de manuscritos: pena e suporte digitais na prática paleográfica. *Filologia e Linguística Portuguesa*, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 233-245, 2020. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v22i2p233-245. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/176142>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BERWANGER, A. R.; LEAL, J. E. F. *Noções de Paleografia e de Diplomática*. 3. ed. rev. e ampl. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

CONTRERAS, L. N. *Manual de Paleografia: fundamentos e historia de la escritura latina hasta elsiglo VIII*. Madrid: Cátedra, 1994.

FERRAZ, L. A. N. *A designação da palavra senhor: uma análise semântica do senhorio brasileiro na escravidão e sua continuidade no pós-abolição*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de pós-graduação em Linguística- PPGLIN, UESB. Vitória da conquista, 2014. Orientador: Jorge Viana Santos.

NAMIUTI, C.; SANTOS, J. V.; LEITE, C. M. B. Propostas e Desafios dos Novos Meios das Antigas Fontes: A Preservação da Memória pela Linguística de Corpus. In: X Colóquio Nacional e II Colóquio Internacional do Museu Pedagógico UESB, 2011, Vitória da Conquista. *Anais do X Colóquio Nacional e II Colóquio Internacional do Museu Pedagógico UESB*. Vitória da Conquista – BA/Brasil, 2011. v. 1, p. 1-11. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/view/2717>. Acesso em 25 de novembro de 2021.

NAMIUTI, C.; SANTOS, J. V.; COSTA, A. S.; FARIAS, I. S. Computação e Linguística: importante diálogo para pesquisas e preservação da memória nos novos meios das antigas fontes. *RBBA: Diálogo entre as ciências*, Vitória da Conquista – BA/Brasil, 2013. v. 2, n. 1, p. 9-34. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rbba/article/view/1355/1174>. Acesso em 25 de novembro de 2021.

NAMIUTI, C.; SANTOS, J. V. De manuscritos históricos a corpora anotados: do Documento Digital Texto (DDI) ao corpus anotado. *A cor das Letras*, Feira de Santana – BA/Brasil, 2016, v.17, n.1, p. 60-66. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1438>. Acesso em 25 de novembro de 2021.

NAMIUTI, C.; SANTOS, J. V. Novos desafios para antigas fontes: a experiência DOVIC na nova linguística histórica. In: Ricardo M. Pimenta; Daniel Alves. (Org.). *Humanidades digitais e o mundo lusófono*. 1ed.Rio de Janeiro: FGV, 2021, v. 1, p. 69-89.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Memórias do Texto. *Revista Texto Digital*, Florianópolis – SC/Brasil, 2006, v. 2, n. 1. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1420>. Acesso em 25 de novembro de 2021.

SANTOS, J. V.; NAMIUTI, C. T. *Memória conquistense: recuperação de documentos oitocentistas na implementação de um corpus digital*. Vitória da Conquista: UESB, 2009. Projeto de pesquisa.

SANTOS, J. V.; NAMIUTI, C. *Documentos Oitocentistas de Vitória da Conquista*. Memória Conquistense. UESB/LAPELINC, Vitória da Conquista-Bahia/Brasil, 2014, URL: <http://memoriaconquistense.uesb.br/websinc>.

SANTOS, J. V.; NAMIUTI, C.. O futuro das Humanidades Digitais é o passado. In: Carrilho, E, Martins, AM, Pereira S; Silvestre JP, Organizadores. *Estudos Linguísticos e Filológicos Oferecidos a Ivo Castro*. Lisboa: Centro De Linguística Da Universidade De Lisboa; 2019. Págs. 1381-1403. <http://hdl.handle.net/10451/39619> [ISBN 978-989-98666-3-8] <https://www.researchgate.net/publication/343413025> O futuro das Humanidades Digitais e o passado

SANTOS, J. V.; BRITO, G. S. Fotografia técnica de documentos para formação de corpora digitais eletrônicos: o método desenvolvido no Lapelinc. *Letras & Letras*, Uberlândia – MG/Brasil, 2014, v. 30, n. 2, p. 421-430. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/27995/15819>. Acesso em 25 de novembro de 2021.

SOUZA, C. R.; SANTOS, J. V. Paleografia e Fotografia: uma relação de métodos no trabalho com corpus digital. *Anais do SILEL*, Uberlândia – MG/Basil, 2013, v. 3, n. 1. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1931.pdf. Acesso em 25 de novembro de 2021.

TOLEDO NETO, S. de A. Datação e localização dos tipos de escrita: informações relevantes para a crítica textual?. In: LOSE, A. D.; SOUSA, A. S. de. *Paleografia e suas interfaces*. Salvador: Memória & Arte, 2018.